

---

## NO ENXAME

---

Resenha: Han, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, 134p.

**Bruno Mira<sup>1</sup>**

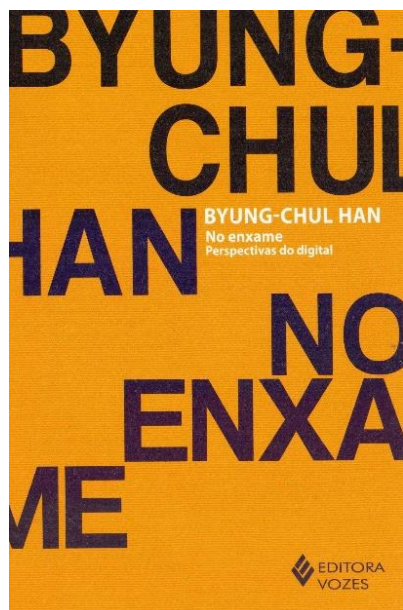
<http://lattes.cnpq.br/3199824820713711>

<https://orcid.org/0000-0001-60588668>

Recebido em: 25 de agosto de 2020

Aprovado em: 22 de novembro de 2020

Estamos imersos no mundo digital. A informatização da sociedade, da política e dos meios culturais tornou-se endêmica no mundo todo. Byung-Chul Han em seu ensaio, *No exame: perspectivas do digital*, procura compreender as mudanças políticas, sociais, culturais e subjetivas que as diferentes mídias digitais provocaram/provocam no mundo contemporâneo. Para tanto, o autor divide seu ensaio em dezesseis capítulos estabelecendo diálogo com outros pensadores como: Giorgio Agamben, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Marshall McLuhan, Martin Heidegger, Vilém Flusser entre outros.



No primeiro capítulo, *sem respeito*, Han inicia fazendo uma definição sobre os elementos intrínsecos para existir o respeito. O respeito necessita de distância para se efetivar, ao mesmo tempo que exige o reconhecimento nominal entre os sujeitos. No entanto, com o advento do mundo digital, o liame que separava o público do privado se tornou emblemático uma vez que as mídias digitais desestabilizam a separação entre ambos. O espaço privado é transferido para as redes sociais com postagens de textos, imagens, vídeos. E com o anonimato das redes e mídias digitais, surge o fenômeno chamado pelo autor de *Shitstorm*, que seriam as campanhas difamatórias contra empresas ou pessoas, que devido suas ações preconceituosas e as vezes críticas, geram descontentamento nas mídias digitais. O autor não menciona os grupos que utilizam as ferramentas digitais como meio de resistência e luta política, como por exemplo o grupo *sleeping giants*<sup>2</sup> que promoveu prejuízos financeiros para grupos de extrema direita do Brasil e no mundo.

No capítulo, *no enxame*, Han faz uma comparação entre o conceito de massa definido por

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), *campus* Uberaba-MG, também possui licenciatura plena em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ituverava (FFCL). Possui Pós-Graduação *lato sensu* em: Formação de Professores para a Educação de Jovens e Adultos – PROEJA pelo IFTM de Uberaba-MG. Atualmente, é Mestrando em Educação na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), *campus* Uberaba-MG. E-mail: brunomira3@hotmail.com.

<sup>2</sup> Alvo de delegado da PF, Sleeping Giants vai à fonte para minar financiamento de Olavo de Carvalho. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-19/sleeping-giants-vai-direto-na-fonte-para-minar-financiamento-de-olavo-de-carvalho.html>. Acesso em: 19 de out. 2020.

Gustave Le Bon e o enxame digital. As massas, segundo Le Bon, deslegitimam o poder soberano, pois é a própria voz do povo. Além de provocar o declínio da cultura. Seguindo os mesmos parâmetros conservadores de Le Bon, o filósofo espanhol, Ortega y Gasset (2016, p.84) afirma “[...] a massa crê ter o direito de impor e dar vigor de lei a seus problemas banais”. Ambos os autores concordam que a massa de certo modo, comporta uma organização. Enquanto no, enxame digital, de acordo com Han, os indivíduos solapam os modelos de organização social, se dispersando tão rápido, quanto sua formação efêmera.

A *desmediatização*, título do próximo capítulo, seria uma das consequências com o advento das mídias digitais. Diferente da mídia clássica que necessita de mediação para as informações chegarem até os receptores, o mesmo não acontece com as mídias digitais, onde os usuários se comunicam sem interseções. Os usuários das redes digitais também são produtores de informação, esse fenômeno é designado sobre a expressão web 2.0 e “[...] fazem referência seu caráter colaborativo e de interação constante entre os usuários [...] graças a expansão de plataformas como redes sociais, blogs, wikis, entre outros”. (MAGRANI, 2019, p.66). No cenário político, os efeitos da desmetiatização ocorre por meio da crise das representações políticas e partidárias. Mas o autor não menciona que a mesma classe política que estava alheia ao mundo digital, passou a ocupar um lugar de destaque no uso de tais tecnologias. Outro fenômeno que não é apontado pelo filósofo, diz respeito às *fake News*, e o seu poder de circulação, como afirma um estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) citado por Giuliano da Empoli (2020, p.78): “[...] uma falsa informação tem, em média, 70% a mais de probabilidade de ser compartilhada na internet, pois ela é, geralmente, mais original que uma notícia verdadeira”. E foi com a divulgação de notícias falsas que presidentes como Donald Trump em 2016 e Jair Bolsonaro em 2018 alinhados a extrema direita chegaram ao poder.

No capítulo seguinte, conhecemos a história do cavalo Hans, que nos primórdios do século XX, levou cientistas a indagarem sobre como um cavalo acertava os resultados de cálculos simples? A resposta estava na apreensão dos estímulos corporais e faciais daqueles que estavam em volta do animal, e assim, o equino conseguia acertar as questões. Mas com o advento dos *smartphones* a complexidade da comunicação humana, ficou reduzida a expressão do rosto diante da tela. O olhar do outro, esvaziado e apagado de sua interioridade deixa “o rosto desprovido de mistério, que assim se expõe, e nada mais demonstra que o mostra-se. Por assim dizer, tornou-se transparente” (HAN, 2017b, p.). O sujeito encontra-se livre de qualquer negatividade, livre de qualquer desejo, livre para se expor, sem expressividade, sem mistério (HAN, 2017a). Todos os elementos que descrevem os usuários são referenciados no perfil, desde as coisas mais triviais, como preferência de jogos eletrônicos, e séries, até detalhes sobre sua sexualidade. Nos aplicativos de relacionamento como, Tinder, Badoo, Bumble, o usuário pela tela do *smartphone*, seleciona perfis, numa vitrine de corpos, onde o cliente escolhe aqueles (as) que os algoritmos selecionam de acordo com suas preferências. O encontro serve apenas para consumir o gozo e nada mais.

Existem diferentes formas de fugir da realidade: drogas, sexo, jogos. No entanto, temos outra forma particular de negação da realidade característico do espaço virtual que consiste na otimização da imagem digital sobre a realidade. No capítulo *fuga da imagem*, nos deparamos com a inversão entre realidade e imagem. Contudo, na medida que essas imagens são reproduzidas em *ad infinitum*, o valor da realidade local que a imagem projeta, perde seu referencial por causa das inúmeras otimizações projetadas na imagem digital. A *síndrome de paris*, comentada por Han, deixa em evidência esse acontecimento, pois aqueles que sofrem de tal enfer-

midade, em sua maioria turistas japoneses, quando se deparam com a cidade, tem-se um choque de realidade, visto a gritante diferença entre as imagens digitais que comumente consumiam e a realidade bem menos atrativa por sinal. O sociólogo francês Jean Baudrillard (1991, p. 13) leva ao paroxismo o limite da imagem quando afirma “[...] não irreal, mas simulacro, isto é nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando-se em si mesmo, num circuito ininterrupto [...]”. Ou seja, a realidade torna-se o próprio simulacro, que se modifica de acordo com os *gadget* utilizado.

O reducionismo *do agir ao passar dos dedos*, tem início com os apontamentos do filósofo Vilém Flusser sobre o mundo digital considerando este último como a era do morto vivo, pois ao invés de agir, segundo Flusser, o morto vivo opera apenas no ócio, tendo os jogos como única atividade. O autor se contrapõe a Flusser, pois este não considerou as novas estruturas redimensionadas pelo capitalismo neoliberal, que incorporou os elementos dos jogos com o desempenho do trabalho. “O jogo emocionaliza e até dramatiza o trabalho, criando mais motivação. Através da rápida sensação de realização e do sistema de recompensas, o jogo gera mais desempenho e rendimento” (HAN, 2018b, p. 69). Outro fator concernente ao arranjo neoliberal, diz respeito a totalização do tempo de trabalho. Hodiernamente carregamos nossas atividades laborais nos diferentes dispositivos tecnológicos como os *smartphones*, independentemente de onde estamos, e ainda temos como foco narrativo do pretense modelo, a liberdade para escolhermos quando, onde, e como seremos explorados/auto explorados.

Em *Cartas a Milena*, Kafka faz uma reflexão sobre a comunicação por correspondência, que teria como fim, separar os seres humanos, criaria uma relação fantasmagórica, diante daquilo que teríamos escrito, e do outro, em sua não presença. Na contemporaneidade temos os *fantasmas digitais*, que altera de forma disruptiva a comunicação, tornando está, tão frenética e fora de controle, uma vez que a velocidade das informações se processa por contágio emocional, não exigindo qualquer tipo de reflexão.

Com o *cansaço emocional* devido a intensa exposição aos meios digitais, acabamos perdendo a característica de espanto com a realidade. “A violência mostrada cotidianamente deixa de provocar surpresa ou repulsa. É como se ela crescesse em você. Ao mesmo tempo, ela continua irreal – ainda parece que não pode acontecer conosco” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 50-51 CEGUEIRA MORAL). Com avalanche de imagens e vídeos com decapitações, estupro e toda ordem de crueldade que o ser humano é capaz de perpetrar, muitos se tornam insensíveis diante daquele (a) que sofre. Enquanto outros, veem uma oportunidade de contabilizar *likes* e com alguma sorte, alguns minutos de “fama” por viralizar tais situações, que antes, estariam, indignavam e motivavam alguns a lutar por um mundo melhor, mas hoje, é apenas mais um meio de aumentar seguidores.

Em 1970 os Estados Unidos inventam a primeira televisão interativa. Por meio desse televisor, era possível aos telespectadores interagirem, por meio de uma tecla, decidindo entre uma ou outra questão envolvendo intenção de votos ou pesquisas para itens de consumo. Vilém Flusser acreditava que novo modelo de reciprocidade, seria possível um tipo de “fazer política” sendo os representantes políticos, dispensáveis, e até mesmo os partidos, uma vez que a interação aconteceria diretamente, sem mediações. Partindo da tese de Flusser, Han vai criticar esse novo modelo político no capítulo: *de cidadão a consumidores*. Segundo Han (2018a), a política do mundo digital é bem diferente da utópica visão de Flusser. Hoje os cidadãos/consumidores digitais, estão inseridos na lógica do sistema consumidor, e como consequência, ironiza o filósofo coreano, “a política ocorre, então, por assim dizer, colateralmente. O botão de curtir é

a cédula eleitoral digital. A internet ou o smartphone são o novo local de eleição. E o clique do mouse ou um rápido toque com o dedo substitui o discurso” (HAN, 2018a, p.117).

No penúltimo capítulo, *protocolamento total da vida* é exposto a maquinaria de vigilância concomitante à vida digital. No panóptico criado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham no século XVIII como modelo prisional, os detentos seriam vigiados num espaço delimitando, a partir de uma torre central que iluminaria as celas, sem saberem se estavam realmente sendo vigiados ou não. Mas hoje, com a sociedade da transparência os laços de confiança definharam, pois para existir confiança é necessário acreditar no outro. No entanto, para chegarmos aos dias de hoje, a auto exposição elencados com o sentimento de liberdade, foram componentes indispensáveis para o surgimento do panóptico digital. Cada clique, curtida ou comentário, são registrados pelas big datas <sup>3</sup> acumulando e processando um volume massivo de dados sobre referências culturais, posições políticas, orientação sexual etc. O comportamento de cada indivíduo e suas particularidades são arquivados, para depois serem vendidos por grandes empresas e redimensionados através marketing dirigido e da manipulação da opinião pública, como foi o caso das eleições presidenciais nos EUA em 2016 e também do Brexit no Reino Unido.

No último capítulo *psicopolítica*, - apesar de ser a finalização do livro, o filósofo vai retomar esse tema com mais detalhes na obra, *psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Mas o que seria esse novo modelo de poder político? Para isso é importante retomarmos as conceitualizações de poder soberano e biopolítica. O primeiro exerce o poder de forma despótica sobre a população decidindo quem vive e quem morre. Enquanto no funcionamento da biopolítica, a produção da vida é incitada, multiplicada, e controlada, através da demografia, do controle de doenças, número de natalidade etc. Mas segundo Han, esse *modus operandi* compreende apenas os fatores externos da população, uma vez que na contemporaneidade, com o panóptico digital imanente na sociedade da transparência, é possível rastrear de modo minucioso o comportamento humano, graças ao big data que armazenam e processam bilhões de dados que cedemos de forma gratuita sempre que estamos conectados. Com isso, a psicopolítica seria o resultado dos processos em que é possível: controlar, influenciar e incitar o ser humano a partir de sua subjetividade exposta, em troca de um signo com o polegar levantado.

Entender como o mundo digital influencia a sociedade, a política, a cultura, o espaço, as relações afetivas com uma linguagem fluida e exemplos práticos. Apesar de ser introdutória no que diz respeito aos fenômenos digitais, é possível tecer muitas reflexões com as comparações que o autor faz em todos os dezesseis capítulos. Contudo, o filósofo não aponta caminhos, soluções ou qualquer tipo de método que nos faça ter algum possível diante das complexas imbricações do mundo digital. Além disso, o autor não aborda em nenhum momento os diferentes grupos/casos em que as ferramentas digitais foram usadas como meios de resistências, como, o wikileaks, o caso Snowden, os grupos de hacktivismo, ou iniciativas como o *sleeping giant*.

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

<sup>3</sup> Big data é um termo em evolução que descreve qualquer quantidade volumosa de dados estruturados, semiestruturados ou não estruturados que têm o potencial de ser explorados para obter informações. (LANE, 2014. Apud MAGRANI, 2018, p.22).

- BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- HAN Byung-Chul. *Agonia do eros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017a.
- \_\_\_\_\_. *No exame: perspectivas do digital*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018a.
- \_\_\_\_\_. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Ayné, 2018b.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade da transparência*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017b.
- ORTEGA y GASET, José. *A rebelião das massas*. 5. ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2016.